


## LÉXICO E ACESSO DISCURSIVO: REFLEXÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

### *LEXIC AND DISCURSIVE ACCESS: REFLECTIONS FOR THE TEACHING OF MATERNAL LANGUAGE*

Lílian Noemia Torres de Melo Guimarães  
Universidade Federal de Pernambuco  
lilian.noemia@gmail.com

 <http://dx.doi.org/10.35572/rle.v21i2.2261>

*Recebido em 26 de maio de 2021*

*Aceito em 18 de agosto de 2021*

**Resumo:** O artigo tem por objetivo investigar as relações entre léxico e acesso discursivo, como também discutir sobre as possíveis contribuições que o estudo, em sala de aula, de manchetes de notícias publicadas e reescritas por redes sociais pode proporcionar para despertar reflexões críticas acerca das escolhas lexicais do discurso midiático, dos grupos que ganham (ou não) visibilidade no espaço público e de como são representados. O *corpus* do trabalho restringe-se ao domínio jornalístico, tendo como foco manchetes de notícias publicadas nas redes sociais da “Caneta desmanipuladora”. No tocante aos fundamentos da pesquisa, os trabalhos de Van Dijk (1997, 2005), Falcone (2005), Neves (2020), Seide e Hintze (2025), entre outros, serviram de aporte para embasar teórico-metodologicamente as reflexões e análises realizadas sobre a relação entre acesso e léxico e suas possíveis contribuições para o ensino de língua materna.

**Palavras-chave:** Acesso discursivo. Ensino. Léxico

**Abstract:** The article aims to investigate the relations between lexicon and discursive access, discussing the possible contributions that news headlines published and rewritten on social networks can provide to Portuguese language learning in the classroom. This study still enables critical reflections about the lexical choices of the media discourse, showing the groups that gain (or not) visibility in the public space and how they are represented. The corpus of work is restricted to the journalistic domain, focusing on news headlines published on the social networks of the “Caneta demanipuladora”. Regarding the fundamentals of the research, the works of Van Dijk (1997, 2005), Falcone (2005), Neves (2020), Seide and Hintze (2025), among others, served as a contribution to theoretically-methodologically support the reflections and analyses carried out on the relationship between access and lexis and their possible contributions for the teaching of maternal language.

**Keywords:** Discursive access. Teaching. Lexis.

## 1 Introdução

A noção comumente compartilhada na sociedade, como também em discursos acadêmicos, acerca da imparcialidade e neutralidade existente no discurso jornalístico já é bastante questionada por alguns autores. Essa visão de objetividade, segundo Ribeiro e Fossá (2009), serve de escudo do discurso do jornal para despistar os seus interesses ideológicos, persuasivos e propagandísticos.

Van Dijk (1996) assegura que a suposição de imparcialidade das representações da notícia é posta em questão pela descrição tendenciosa que se faz de alguns grupos sociais em favor daqueles que estão no poder, um viés que pode ser destacado e observado especialmente em pequenos e sutis detalhes do relato noticioso.

Acreditamos que um dos fatores que correspondem a estes detalhes está relacionado ao acesso discursivo e aos itens lexicais, que ganham espaço no discurso juntamente com tal acesso.

Desse modo, para a elaboração deste trabalho, parte-se da hipótese de que léxico e acesso discursivo estão em um processo de relação intrínseca. Os itens lexicais que vão se materializar nos discursos selecionados para receberem acesso aos diversos domínios discursivos serão de suma importância para averiguarmos, por exemplo, quem são e como são escolhidos diversos grupos sociais para ganharem visibilidade no espaço social.

Tomando por base o domínio midiático, acreditamos, por exemplo, que os discursos que têm acesso à notícia não são simplesmente selecionados pelo jornal para serem inseridos no texto noticioso porque são interessantes ou vêm apenas complementar as informações relatadas e confirmar o fato que está sendo noticiado. A escolha de discursos para terem acesso à notícia, assim como, da dinâmica envolvida na construção do léxico materializado por esse discurso, constitui-se em uma ação ideologicamente orientada.

Corroborando com tal aspecto, Neves (2020) afirma que a construção lexical precisa ser observada na dinâmica das relações entre a própria língua e outras dimensões de dentro e de fora da linguagem, como a cultura, a ideologia ou os domínios discursivos.

Com base nisso, destacamos a importância de uma educação que preze pela leitura crítica na sala de aula dos diversos discursos veiculados nos domínios públicos. Trabalhar o gênero notícia na escola, por exemplo, pode servir para desvelar possíveis intenções das opções dos jornais por “determinadas estruturas lexicais em detrimento de outras, uma vez que a produção desses discursos não é apenas intencional, mas também atende a interesses diversos dos grupos midiáticos aos quais os jornais pertencem”. (TAVARES, 2020, p.19)

Com base nisso, pretendemos neste trabalho analisar as relações entre léxico e acesso discursivo, como também discutir sobre as possíveis contribuições que o estudo, em sala de aula, de manchetes de notícias publicadas e reescritas por redes sociais pode proporcionar para despertar reflexões críticas acerca das escolhas lexicais do discurso midiático, dos grupos que ganham (ou não) visibilidade no espaço público e de como são representados.

O *corpus* do trabalho restringe-se ao domínio jornalístico, tendo como foco manchetes de notícias publicadas nas redes sociais intituladas como “Caneta desmanipuladora”. A Caneta desmanipuladora constitui-se em páginas publicadas nas redes sociais facebook, instagram e twitter, a qual tem o objetivo de “desmanipular” fatos e notícias divulgados pela grande mídia. São recorrentes publicações da Folha de

São Paulo, o Globo, Estadão, G1, CBN, entre outros. As páginas postam alguns fatos e notícias que foram publicados pela grande mídia, e, repensando alguns itens lexicais, os reescrevem, ou modificando, ou apagando, ou inserindo outros itens. Essa reescrita impulsiona novas possibilidades de interpretação, gerando outros possíveis sentidos ao que foi noticiado.

Levar à sala de aula o gênero notícia, especialmente as suas manchetes, e apresentar as redes sociais da “Caneta desmanipuladora” pode proporcionar não somente o despertar do aluno para a importância que as escolhas lexicais têm no seu processo de escrita – as quais trazem questões ideológicas subjacentes ao discurso jornalístico, mas também, podem propiciar a formação de alunos e leitores críticos, engajados socialmente, que repensam a cobertura da mídia sobre eventos e grupos sociais.

Assim sendo, o artigo foi estruturado do seguinte modo: na seção 2, apresentamos algumas considerações sobre acesso discursivo e, mais especificamente, sobre o acesso de grupos ao domínio jornalístico; na seção 3, abordamos, em linhas gerais concepções sobre os estudos críticos do discurso e suas relações com o ensino de língua materna; na seção 4, exploramos reflexões sobre o ensino do léxico, tomando por base uma leitura crítica; na próxima seção, demonstramos as análises; e, por fim, tecemos as últimas considerações.

## **2 Acesso discursivo: algumas reflexões**

Com a finalidade de mostrar como o poder se configura na imprensa, alguns autores (VAN DIJK, 1997, 2005, 2008; FALCONE, 2005) trabalham com a noção de acesso discursivo, que consiste basicamente no espaço cedido a alguns discursos pelos veículos de comunicação para a construção discursiva do próprio jornal ou dos gêneros textuais jornalísticos. O acesso possibilita, desta maneira, que grupos sociais participem discursivamente desses gêneros.

Os estudos sobre esta temática preocupam-se com o funcionamento social das relações discursivas e, por isso, suas análises envolvem a investigação da atuação de grupos que participam de eventos comunicativos e de instituições sociais, e não a atuação de indivíduos isolados (FALCONE, 2005).

O acesso discursivo pode abranger tanto o modo como os sujeitos tomam iniciativa nos eventos comunicativos, as modalidades de suas participações, como também, “os modos com os quais controlam as várias outras propriedades do discurso, como a tomada de turno, o sequenciamento, os tópicos e até mesmo como as pessoas são representadas no discurso, como referentes ou tópicos” (VAN DIJK, 2008, p. 91).

O autor pressupõe que o poder social de um grupo ou instituição se torna proporcional à quantidade de gêneros e perfis discursivos controlados por esse grupo. Ou, em outras palavras, como considera o próprio autor, “o grau de acesso à mídia jornalística é um termômetro do grau do poder de elite” (VAN DIJK, 1997, p. 169).

Segundo o pesquisador, é importante delinear-se alguns modelos de acesso, pois eles podem ser indicadores confiáveis do poder social de grupos e de seus membros. Esses modelos servem para indicar que o controle que as instituições de poder estabelecem é bem instituído e é conduzido por esquemas rígidos que acabam dificultando a inserção de quem não faz parte destes grupos sociais.

O acesso discursivo ao espaço do jornal dado a alguns grupos que não detém o poder na sociedade, considerados como grupos dos excluídos, é foco da investigação de

Falcone, em 2005. Afirmar a autora que o acesso de grupos excluídos a discursos públicos, especificamente ao discurso jornalístico, é negociado entre as instituições de poder, e não se dá de forma igualitária para todos os grupos sociais. Como destaca Van Dijk (2008), para os vários grupos sociais envolvidos em cada domínio social, situação, organização ou profissão, um esquema discursivo e comunicativo de condições e estratégias de acesso é esboçado. Dessa forma, não se pode considerar que o acesso discursivo de todos os grupos a espaços públicos é igual.

Os grupos ou instituições da elite podem ser caracterizados, segundo Van Dijk (1997), essencialmente pelo acesso preferencial ao discurso público ou a outros discursos e eventos comunicativos de peso. Já as minorias e seus representantes têm pouco acesso ao discurso público em geral, a não ser “por protestos e comportamentos perturbadores que irão certamente ser definidos como uma confirmação de estereótipos e preconceitos dominantes” (VAN DIJK, 2008, p.100).

Dessa maneira, quando subvertem a ordem dos modelos de acesso que dá preferencialmente acesso aos grupos de elite, é que os grupos dos excluídos obtêm conquistas sociais e a atenção da sociedade (FALCONE, 2005). É assim que eles conseguem romper com a invisibilidade que os cerca.

Essa falta de acesso das minorias ao discurso público é considerada como um dos aspectos mais evidentes da dominância simbólica das elites (VAN DIJK, 2008). Quanto menos acesso essas minorias têm, quanto menos espaço elas ganham nos diversos discursos públicos, mais invisíveis essas classes se tornam. Essa invisibilidade proporcionada pelo acesso que exclui as classes menos favorecidas socialmente revela a existência do poder de uma elite que faz questão que esse modelo de acesso excludente permaneça.

No espaço discursivo do jornal, por exemplo, geralmente as opiniões dos grupos de elite são evidenciadas, pois os jornalistas procuram entrevistá-los e apresentá-los como protagonistas ou comentaristas em alguns noticiários (VAN DIJK, 1997). Já os grupos dos excluídos conseguem ter espaço nos jornais, disputando com as instituições de poder, quando rompem com a ordem social estabelecida.

Ou seja, os falantes das minorias têm acesso ao discurso jornalístico, na maioria das vezes, quando, por exemplo, promovem passeatas, realizam protestos, ocupam prédios desocupados ou realizam saques (FALCONE, 2005). E, quando estes grupos têm esse acesso, “ou serão citados os porta-vozes moderados que compartilham opiniões com a maioria, ou serão citados os radicais ou extremistas para dar margem ao ridículo e ao ataque” (VAN DIJK, 2008, p.100).

Uma vez que o acesso ao discurso configura-se como um dos modos mais efetivos de se exercer o poder social e os Estudos Críticos do Discurso são considerados como “uma ferramenta de diagnóstico importante” (VAN DIJK, 2008, p.96) para a análise do poder e, dessa maneira, para a avaliação da dominância social e política, é importante que o acesso ao discurso e à comunicação pública de alguns grupos ou instituições seja analisado tendo por base os pressupostos teóricos dos Estudos Críticos do Discurso.

### 3 Estudos Críticos do discurso e o ensino de língua materna

Os Estudos Críticos do discurso não se propõem a ser uma disciplina de análise do discurso ou uma escola, e sim, uma postura crítica dedicada à investigação do discurso. Eles podem ser considerados, dessa maneira, como um campo de estudo inter

ou multidisciplinar que se consolida no início da década de 1990, como reação aos paradigmas formais dominantes dos anos 60 e 70.

Um marco para o novo campo de estudo, denominado de Análise Crítica do Discurso ou Análise do Discurso Crítica (ACD), foi a publicação da revista *Discourse and Society*, em 1990, do autor Teun Van Dijk. Entretanto outras publicações anteriores do próprio autor sobre o racismo, como *Prejudice in discourse* em 1984, e de outros autores, como Norman Fairclough, com o livro *Language and power* em 1989, e Ruth Wodak, com a obra *Language, power and ideology* em 1989, também foram importantes para o desenvolvimento de novas bases para os estudos do discurso.

A ACD procura dialogar com várias outras ciências, como Psicologia e Antropologia. Ela vai de encontro a alguns paradigmas formais, pois a sua proposta teórica não se detém a analisar estruturas linguísticas fundamentadas na noção de um sistema linguístico autônomo, em que o objeto máximo de análise da língua é a frase (PEDRO, 1997). Seu objeto de investigação analítica é o discurso, sendo aqui visto como uma interação que tem um funcionamento ideológico, como uma forma de ação social e como uma comunicação situada socialmente, culturalmente, historicamente e politicamente. (VAN DIJK, 2008).

A ACD é um campo de estudo cujos princípios emergem das áreas Linguística Crítica e Linguística Sistêmico-Funcional, como um modo sócio-político consciente de investigar a linguagem, o discurso e a comunicação. Teve base na Linguística Crítica, pois esta área estuda a linguagem não se delimitando à sua estrutura formal e não a considerando como um sistema abstrato, mas sim, como uma prática de interação com o contexto social (FOWLER, 2004).

A Análise Crítica do Discurso direciona seu olhar para as ações coletivas e individuais dos indivíduos no processo de (re)construção do conhecimento, das ideologias, das crenças e de sua(s) atitudes. O mundo é considerado como uma construção discursiva que está em constante processo de transformação.

Um dos objetivos desse campo de estudo é o de analisar e revelar o papel do discurso na (re) produção da dominação. Dominação é entendida como o exercício do poder social por elites, instituições ou grupos, que resulta em desigualdade social, onde estão incluídas a desigualdade política, a cultural e a que deriva da diferenciação e discriminação de classe, de raça, de sexo e de características étnicas (VAN DIJK, 2008).

Considera Falcone (2008, p.53) que o objetivo central de uma análise crítica do discurso deve ser “o de investigar as práticas discursivas como ações públicas que podem desempenhar uma variedade de funções sociais, tais como a (re)produção da discriminação étnica, social e sexista”.

Os analistas críticos do discurso pretendem, com isso, apontar o modo como as práticas linguístico-discursivas estão relacionadas com as estruturas sociopolíticas mais abrangentes de poder e de dominação (PEDRO, 1997). Especificamente, tais analistas querem saber quais as estruturas, estratégias ou outras propriedades do texto, falado ou escrito, da interação verbal, ou dos acontecimentos comunicativos em geral, que desempenham um papel nos modos de reprodução da dominação.

Desta forma, os métodos de análise dos analistas críticos do discurso serão “escolhidos de modo que a pesquisa possa contribuir para a apoderação social de grupos dominados, especialmente no domínio do discurso e da comunicação” (VAN DIJK, 2008, p.13), ou seja, os estudiosos não serão “neutros”, mas estarão comprometidos com um engajamento em favor dos grupos dominados na sociedade (VAN DIJK, 2008). Dessa maneira, eles não serão mais vistos na condição de passivos, e sim, de sujeitos críticos, que são capazes de propor mudanças na sociedade.



Esses pressupostos teóricos podem trazer contribuições muito valiosas para o ensino de língua materna na escola, uma vez que irão estimular uma prática docente pautada no estímulo à leitura crítica dos vários elementos que perpassam os discursos e que são veiculados nos diversos domínios discursivos e espaços sociais. Tal leitura irá proporcionar um possível engajamento do aluno frente às problemáticas que existem na sociedade. Sendo assim, os

Analistas do discurso têm um papel importante na formação de educadores/as críticos/as preparados para atuar em programas de consciência linguística crítica – programas que buscam desenvolver a capacidade das pessoas para a crítica linguística, incluindo capacidades de análise reflexiva do próprio processo educativo”. (FAIRCLOUGH, 1995 apud RAMALHO, 2012, p.188)

Desse modo, os docentes, imbuídos de tais fundamentos, podem proporcionar a seus alunos oportunidades de aprendizado em que eles se vejam diante de discursos múltiplos, de leitura de vários outros textos não contemplados, por exemplo, pelo livro didático adotado pela escola, de realização de diferentes atividades que explorem possíveis discussões talvez também não abordadas por esses materiais, a fim de que despertarem, nesses discentes, uma leitura e uma visão crítica do mundo.

Se eles são estimulados, por exemplo, a se depararem com uma pluralidade discursiva, atuando como leitores efetivamente crítico, eles podem ser capazes de: atuar como protagonistas na sua construção discursiva sobre os temas abordados pelos textos, pelos materiais didáticos os quais estão em contato; questionar, confrontar, ou aceitar, seja por meio da prática escrita ou da oral, alguns discursos construídos pelos livros didáticos, por exemplo; procurar entender quais são os objetivos dos autores ao lançarem determinados textos em suas unidades para trabalharem suas temáticas; refletir sobre as épocas em que os textos trazidos no LD foram escritos e compará-los com o momento em que estão sendo lidos, a fim de: averiguar os discursos que permanecem e mudam, com o tempo, sobre as mesmas temáticas e entender o porquê de suas possíveis (ou não) mudanças; e questionar o motivo pelo qual os autores de textos optam por determinadas escolhas de itens lexicais e de construções sintáticas, a fim de proporcionar construções de sentido variadas de discursos que materializam tais textos.

Sobre este último aspecto, iremos tecer algumas considerações na próxima seção.

#### **4 O ensino do léxico sob um olhar crítico**

Pensar e levantar discussões na sala de aula sobre seleções de itens lexicais num processo de construção textual e discursiva significa refletir sobre a relevância do ensino do léxico, os elementos que o envolvem, a perspectiva adotada para o seu ensino e a sua abordagem pelos documentos oficiais.

Segundo Neves (2020), um dos aspectos considerados importantes para o estudo do léxico consiste no entendimento dos mecanismos que estão por trás do processamento dos textos. No processo de interação, conforme o autor, os seus elementos mais evidentes vão se fundamentar no sistema lexical, uma vez que ele vai proporcionar “pistas de contextualização que vão orientar a compreensão de um texto, levando em conta as relações desse próprio texto com seu autor e seu suposto leitor”. (NEVES, 2020, p. 247)

Chamar a atenção, no ensino do léxico, para o processo de interação significa tomar como base um paradigma funcionalista, que adota a concepção interacionista de língua. Esse paradigma influencia a elaboração de algumas diretrizes oficiais para o ensino de Língua Portuguesa no Brasil. No tocante ao ensino do léxico nos últimos ciclos do ensino fundamental, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) apresentam dez objetivos a serem alcançados:

- (1) observação do fenômeno da variação linguística no nível lexical;
- (2) uso de nominalizações como recursos para criação de expressões alternativas (uma com substantivos e adjetivos primitivos e outra usando nominalização deverbal ou deadjetival, uma com frase nominal e outra com frase verbal);
- (3) ampliação do repertório lexical para escolha adequada de sinônimos, hiperônimos e hipônimos;
- (4) escolha do léxico segundo a modalidade e o grau de formalidade do texto;
- (5) reconhecimento de que as palavras se organizam em conjuntos estruturados ao longo de um texto;
- (6) conhecimento das propriedades argumentais e semânticas de itens lexicais, sobretudo de verbos;
- (7) emprego adequado de regionalismos, estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, jargões e gíria;
- (8) elaboração de glossários;
- (9) identificação de palavras-chave e
- (10) consulta ao dicionário (BRASIL, 1998 apud SEIDE; HINTZE, 2015, p.441).

A partir desses objetivos, podemos observar como pode ser ampla a abordagem do léxico na sala de aula, envolvendo elementos que instigam um possível olhar crítico do leitor para os vários aspectos que fazem parte do processo de produção textual e discursiva, e que acabam se relacionando com as suas múltiplas possibilidades de construção de sentido.

Consoante com isso, Neves (2020) considera que, ao analisarmos, por exemplo, a seleção lexical nesse processo de produção, podemos compreender a interação verbal e a constituição de sentidos em dado domínio discursivo, tal como o jornalístico. Nesse âmbito, assegura o autor, podemos investigar “as prováveis motivações sociointeracionais para a escolha das palavras de um texto, o que passa pelo entendimento de sua semântica e dos usos que os itens lexicais adquirem nas situações comunicativas”. (p.247)

Com base nisso, e refletindo sobre o ensino do léxico por meio do domínio jornalístico, consideramos o quão importante se faz trabalhar com o gênero notícia em sala de aula. Discutir sobre os aspectos que estão envolvidos no processo de elaboração deste gênero pode proporcionar uma multiplicidade de discussões pertinentes sobre o léxico, sobre o discurso da mídia, sobre a escolha dos discursos que vão ganhar acesso neste espaço público, como também a escolha dos atores sociais que vão ser descritos nos fatos apresentados, e sobre os aspectos ideológicos, os quais vão fundamentar a construção de tais discursos.

Segundo Van Dijk (2008), as manchetes das notícias podem por exemplo descrever os grupos colocados à margem da sociedade de forma negativa. E a sintaxe selecionada para integrar o seu processo de produção tende a favorecer os grupos colocados numa posição dominante. Isso pode contribuir para a disseminação e manutenção do preconceito ainda tão gritante na nossa sociedade, “já que nem todas as pessoas têm consciência da influência cultural, política, ideológica e histórica nos discursos da mídia, o que facilita a manipulação das opiniões acerca dos fatos apresentados nas notícias”. (TAVARES, 2020, p.20)

Esse olhar analítico que Van Dijk (2008) sugere, levando em consideração os distintos grupos presentes no âmbito social, ancora-se em algumas categorias que ele elenca, a fim de sugerir possíveis leituras críticas sobre o processo de construção discursiva. O autor lista tais categorias como pertencentes ao que ele denomina de: “estratégia global de auto-apresentação positiva e outra-apresentação negativa”. O que as exemplifica são descritas como:

Macroato de fala indicando Nossos “bons” atos e os “maus” atos dos Outros; por exemplo, acusação, defesa; Macroestruturas semânticas: seleção de tópicos: (des) enfatizar pontos negativos ou positivos sobre Nós/Eles; Léxico: selecionar palavras positivas para Nós, palavras negativas para Eles; Sintaxe local: orações ativas versus passivas, nominalizações: (des) enfatizar a agência, a responsabilidade positiva/negativa Nossa/Deles; Significados locais de ações positivas/negativas Nossas/Deles: fornecer muitos/poucos detalhes, generalizar/ser específico, ser vago/preciso, ser explícito/implícito etc.; Figuras retóricas: hipérboles versus eufemismos para significados positivos/negativos, metonímias e metáforas enfatizando propriedades negativas/positivas Nossas/Deles; Expressões: sonoras e visuais: enfatizar (volume alto, fonte grande, em negrito etc.) significados positivos/negativos, ordem (primeiro, segundo; na parte superior/inferior da página etc.) (VAN DIJK, 2008, p.252-253)

Entre essas categorias podemos perceber que a maior parte delas envolve aspectos voltados para o léxico. Isso demonstra que uma análise discursiva parte de elementos que são textuais, os quais vão estar materializados nos discursos, e que contemplam olhares analíticos críticos para o léxico. Desse modo, consideramos que o ensino do léxico na sala de aula precisa estar fundamentado numa leitura crítica. Isso porque, entre tantos possíveis motivos para essa fundamentação, léxico e discurso estão em uma relação intrínseca, a qual envolve um processo de construção ideologicamente motivada.

Tal relação pode ficar mais clara quando, enquanto professores, levamos para a sala de aula possibilidades de reflexões sobre o léxico, sobre as escolhas dos itens lexicais, mais especificamente, e as consequências dessas escolhas para os discursos que vão ter acesso ao domínio público e que vão ser veiculados na sociedade. O próximo tópico irá abordar em mais detalhes este aspecto.

## **5 Relação entre léxico e acesso discursivo: reflexões para o ensino**

Visando investigar, de modo geral, as relações entre léxico e acesso discursivo, selecionamos, como mencionamos na introdução deste artigo, algumas manchetes de jornais publicadas nas redes sociais facebook (fb.com/canetademanipuladora), instagram (@canetadesmanipuladora) e twitter (@desmanipuladora). Essa escolha se deu por dois principais motivos: por acreditarmos que o gênero notícia – conforme já abordamos, e mais especificamente as suas manchetes – precisa ser trabalho na sala de aula; e pelas páginas da “Caneta desmanipuladora” postarem tais manchetes, fazendo o leitor refletir sobre o léxico e sobre a sua relação com o acesso discursivo.

Selecionamos para expor nas análises duas manchetes, uma publicada pelo jornal “O dia”, do estado do Rio de Janeiro, que traz à tona o grupo dos trabalhadores domésticos, e outra do portal “G1”, do estado de São Paulo, que apresenta o grupo dos



gays. Nenhuma das manchetes traz os discursos desses grupos de modo reportado direto ou indireto, mas o fato de apresentarem esses grupos nessa parte de macroestrutura textual da notícia, demonstra dois casos de acesso discursivo ao espaço público. Isso acontece porque o “discurso é similar a outros recursos sociais valorizados que constituem a base do poder e cujo acesso é distribuído de forma desigual” (VAN DIJK, 2008, p.89). Sendo assim, o discurso do jornal, que não deixa de ser um recurso social, possibilita ou (não) o acesso a determinados grupos. De acordo com Van Dijk (2008, p. 98), “o acesso das minorias à mídia de massa é uma condição crucial para sua participação na definição pública de sua situação. [...] A falta de acesso das minorias à mídia é uma das propriedades mais visíveis da dominância simbólica das elites brancas”.

Entretanto, mesmo que a grande mídia permita o acesso de atores sociais colocados à margem da sociedade ao seu discurso, não significa dizer que esses atores terão a mesma visibilidade na sociedade. É referente a este aspecto que identificamos a relação entre acesso discursivo e léxico. A construção do léxico no texto noticioso e, em especial, nas manchetes, possibilita-nos reflexões críticas acerca de como determinados grupos vão ter cobertura pela mídia e quais as possíveis consequências que isso pode trazer para a sociedade.

Uma reflexão crítica acerca do léxico e, mais particularmente, das escolhas lexicais que as manchetes decidem lançar em seus títulos e subtítulos é realizada pelas páginas das redes sociais “Caneta desmanipuladora”. A manchete 1, analisada, por exemplo, apresentou o seguinte o título: “Ex-doméstica escravizada por 38 anos ganha apartamento de patrão como indenização”. E, como subtítulo: “Madalena Gordiano foi resgatada pelo MPT e Polícia Federal em Patos de Minas Gerais em 27 de novembro de 2020”. A “Caneta desmanipuladora” republica tal manchete em uma de suas redes sociais, reescrevendo-a da seguinte maneira: “Ex-doméstica escravizada por 38 anos recebe em acordo judicial apartamento de patrão como indenização”. Nesta reescrita, podemos observar uma substituição do item lexical “ganha” pelos itens “recebe em acordo judicial”. Vejamos:



Fig. 1. Manchete 1.

Só para contextualizar o caso noticiado, Madalena Gordiano foi empregada doméstica da família Rigueira por quase quatro décadas. Ela não recebia salário, férias e décimo terceiro e morava no próprio local de trabalho. Ou seja, Madalena vivia numa situação de trabalho escravo em pleno século XXI. E isso, a manchete retrata quando diz que a ex-doméstica era “escravizada”. Entretanto, a inserção do item lexical

“ganhar” no texto permite que a página “Caneta desmanipuladora”, o questione e o substitua por outros itens.

Levando em consideração o contexto apresentado, podemos considerar que o verbo “ganhar” dá uma conotação de gratuidade, enquanto que o verbo “receber” associado ao substantivo “apartamento” indica que este foi uma aquisição decorrente do dano causado há anos à trabalhadora. Sendo assim, não há gratuidade, mas sim uma forma de compensação pela exploração do trabalho doméstico. E tal compensação fica clara quando a página associa o verbo “receber” à expressão “acordo judicial”.

Com isso, a escolha do item “ganhar”, a nosso ver, tenta suavizar uma visibilidade negativa do grupo considerado da elite (os patrões). Essa produção textual e discursiva estaria relacionada ao que Van Dijk (2008) elenca como sendo o “Nós x Eles”, “o Positivo x o Negativo”, para os atos dos grupos das elites e das minorias.

O léxico, desse modo, foi analisado e repensado pelos escritores do site. E tal análise precisa ser explorada no ensino de língua materna. Quando se leva tal manchete reescrita por uma rede social para a escola, há a oportunidade de se refletir sobre o discurso que materializa o texto publicado pelo jornal, demonstrando que o discurso midiático não é neutro e imparcial. A escolha por determinados itens em detrimento de outros permite que o leitor crítico levante várias hipóteses acerca dessa seleção. É este olhar crítico e analítico que precisa ser instigado na sala de aula.

Uma outra possibilidade de reflexão sobre essas seleções, e consequentemente sobre a relação entre acesso discursivo e léxico pode ser realizada por meio da análise da manchete publicada pelo G1, a qual apresenta o seguinte título: “Atirador abre fogo em boate gay em Orlando e deixa mortos e feridos”, e o subtítulo: “Incidente ocorreu em Orlando às 3h (horário de Brasília) deste domingo. Segundo a polícia, 50 morreram e 53 ficaram feridos”. A “Caneta desmanipuladora” republica tal manchete em uma de suas redes sociais, reescrevendo o subtítulo da seguinte maneira: “Massacre ocorreu em Orlando às 3h (horário de Brasília) deste domingo. Segundo a polícia, 50 morreram e 53 ficaram feridos”. Nesta reescrita, podemos observar uma substituição do substantivo “incidente” por “massacre”. Vejamos:



Fig. 2. Manchete 2.

Contextualizando o fato noticiado pela manchete, um atirador mulçumano norte-americano, identificado como Omar Matten, entra em uma das principais boates gays, em 2016, no Estado da Flórida, nos EUA, e atira, matando 50 pessoas e deixando mais de 50 feridos. O atirador estava com um fuzil e uma pistola. Ele entrou na boate, atirou em dezenas de pessoas e fez outras reféns.

Percebemos, pela manchete, que a mídia dá acesso discursivo ao grupo dos gays, quando noticia que a boate era “gay”. O fato de ser uma boate gay faz-nos subentender que, possivelmente, a maior parte das pessoas que estavam no local eram homossexuais. Como já mencionamos, o acesso consiste basicamente no espaço cedido a alguns discursos pelos veículos de comunicação para a construção discursiva do próprio jornal. Sendo assim, o acesso possibilita que grupos sociais participem discursivamente dos gêneros midiáticos. Entretanto, proporcionar acesso não é o mesmo que promover “positivamente” determinados grupos.

Podemos, por meio da análise, por exemplo, observar que o fato de categorizar o tiroteio, que teve como grupo alvo os gays, como sendo um “incidente”, permite alguns questionamentos. E isso a página “Caneta desmanipuladora”, em uma de suas redes sociais, faz, quando repensa o uso que esse substantivo adquire no contexto comunicativo e o substitui por outro.

Se levamos em consideração o contexto retratado, nomeá-lo como sendo um “incidente”, eufemiza uma ação de extrema carga negativa: o ato de matar e deixar feridas dezenas de pessoas frequentadoras de uma boate gay. Sabemos que um incidente consiste em um episódio inesperado, ou seja, é uma alteração de algo que era esperado. Entretanto, o ato de uma pessoa entrar armada em um local fechado, sair atirando, deixar pessoas reféns e as matar, a nosso ver, consiste em algo que vai muito além de ser algo que aconteceu de modo inesperado. Como a “Caneta desmanipuladora” o nomeou, consiste em um “massacre”, ou poderíamos também categorizar como sendo um “ato terrorista”, que foi realizado por um norte-americano a um grupo, o qual, infelizmente, ainda é colocado à margem da sociedade. Sociedade que, em grande parte, é homofóbica e preconceituosa.

Consideramos que a escolha dos itens lexicais, nesse exemplo, reflete a interpretação que a grande mídia teve do acontecimento reportado, interpretação que é influenciada e motivada por uma ideologia, a qual vai ser refletida no próprio discurso e na compreensão que os leitores terão dele.

Proporcionar uma discussão na sala de aula sobre esses discursos, os acessos de grupos diversos aos espaços e discursos públicos, relacionando-os a reflexões acerca do léxico e dos possíveis aspectos que estão envolvidos em seu processo de produção constitui-se em uma prática muito válida e rica. Os alunos – se instigados a analisarem o mesmo fato publicado por manchetes em jornais e postado em redes sociais, com construções lexicais distintas – podem passar a entender que os significados construídos nas amarras do texto é um procedimento necessário para desvelar suas ideias e prováveis objetivos (NEVES, 2020).

## 6 Considerações finais

Nosso trabalho teve como objetivo analisar as relações entre léxico e acesso discursivo, como também, discutir sobre as possíveis contribuições que o estudo, em sala de aula, de manchetes de notícias publicadas e reescritas por redes sociais, poderia proporcionar para despertar reflexões críticas acerca das escolhas lexicais do discurso

mediático, dos grupos que ganhavam (ou não) visibilidade no espaço público e de como eram representados.

Para atingirmos esses objetivos, selecionamos como *corpus* manchetes de notícias publicadas pela grande mídia e apresentadas pelas redes sociais intituladas como “Caneta desmanipuladora”. Como pudemos perceber, o propósito destas páginas é apresentar uma reescrita do que foi publicado, fazendo o leitor refletir sobre várias outras possibilidades de interpretação, como também sobre as prováveis intencionalidades – que são ideologicamente motivadas – do jornal optar por determinada escrita.

Levar essas manchetes para sala de aula, mais especificamente aquelas que trazem elementos relacionados ao acesso discursivo, podem proporcionar um trabalho rico que desperte a leitura crítica acerca da relação entre o léxico, particularmente as escolhas dos itens lexicais, e o acesso ao discurso público dos vários atores sociais.

Despertar uma leitura crítica, a nosso ver, é proporcionar um posicionamento crítico do aluno frente aos problemas existentes no âmbito social, como aqueles que colocam à margem da sociedade vários grupos. Esta marginalidade acontece, por exemplo, por meio dos discursos publicados pela mídia que legitima preconceitos e naturaliza estigmas sociais. Desse modo, faz-se necessário contemplar uma educação que preze por uma sociedade menos desigual e mais justa.

## Referências

FALCONE, K. A. *O acesso dos excluídos ao espaço discursivo do jornal*. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2005.

FALCONE, K. A. *(Des)legitimação: ações discursivo-cognitivas para o processo de categorização social*. Recife, 2008. 276f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco.

FOWLER, R. Sobre a linguística crítica. *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v. 4, n.esp, p. 207-222, 2004.

NEVES, Herbertt. *Argumentatividade das palavras: construção de aparato textual-interativo para o estudo do léxico e análise em textos do jornalismo recifense sobre as eleições de 2018*. Recife, 2020. 259f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco.

PEDRO, E. R. O Discurso dos e nos *Media*. In: PEDRO, E. R. (Org). *Análise Crítica do Discurso. Uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, 1997. p. 293-312.

RAMALHO, Viviane. ACD e ensino de Língua materna. *Bakhtiniana*, São Paulo, v.7, n.1, p.178-198, jan./jun. 2012.

RIBEIRO, D. B.; FOSSÁ, M. I. T. O poder da informação na midiatização: reflexos sobre o mito da objetividade na linguagem jornalística e o contexto de produção de sentido do seu discurso. *Revista Elementa. Comunicação e Cultura*, Sorocaba, v.1, n.2, jul/dez. 2009.

SEIDE, M. S.; HINTZE, A. C. O ensino do léxico na disciplina de português língua materna no ensino fundamental brasileiro. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.18, n.2, p. 403-424, jul./dez. 2015.

TAVARES, C. D. *Leitura de notícias no 6º ano: na pegada do passinho, um olhar crítico sobre o bregafunk nos jornais de Pernambuco*. Recife, 2020. 136f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras, Universidade Federal de Pernambuco.

VAN DIJK, T. A. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 1996.

VAN DIJK, T.A. O Poder e a mídia jornalística. *Palavra*, PUCRJ, n.4, p.167-187, 1997.

VAN DIJK, T. A. *Discurso, notícia e ideologia*. Porto: Campo das Letras, 2005.

VAN DIJK, T. A. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto. 2008.